

# A DEMOCRACIA

ORGÃO REPUBLICANO



REDACCAO  
Rua de S. José 121

RIO DE JANEIRO, 2 DE NOVEMBRO DE 1887

ADMINISTRAÇÃO  
Rua de S. José 121

ANNO II

Publica-se tres vezes por mez

N. 40

## EXPEDIENTE

Scientificamos aos nossos leitores que Eugenio Augusto Pinto está desligado d'esta empresa.

Tendo mudado o nosso escriptorio e officina para a rua de S. José, n. 121, rogamos que se dignem dirigir a correspondencia para este novo domicilio, onde nos achamos presente do meio dia em diante. Usando do antigo endereço, é facil que se dê algum desvio.

Ainda d'esta vez não nos foi possível dar a continuação do romance

### A FORÇA DO DESTINO.

Não deixaremos de satisfazer devidamente o nosso dever, produzindo proximamente, d'uma vez, acerca d'este ponto maior quantidade de manuscritos.

## CHRONICA POLITICA

Rio, 2 de Novembro de 1887.

Não vale a pena presagiar nada à patria.

Teremos dias properos ou lutuosos; d'isso ninguém se importa. A senha é cuidar do presente, legando a nossos filhos o que a sorte lhes deparar.

Relembrar as momentosas questões que reclamam prompta solução é, na verdade, pregar no deserto.

Em primeiro lugar, estando o trono vacante, não podia dar-se melhor occasião para uma suppressão definitiva. Poupava-se de enfrentar com resistencias ou com guerra de qualquer especie.

Nós, porém, esperamos que os pretendentes criem partido e se consolidem, para mais tarde derreter-nos em lamentações.

Vem em seguida o assumpto magno do dia: a abolição da escravatura. Depois do rebate que commoveu e despertou aos mais indolentes, é natural que um movimento de energia se produzisse, fosse secundado pelo maior numero e por aquelles a quem cumpre resgatar.

N'isso não somos mais felizes. Deixamos que um governo autocratico estenda a sua mão de ferro e afogue e estrangule aos poucos que ousam protestar.

Os grande interesses pendentes da adopção de medidas necessarias, como a descentralização do governo, a autonomia das províncias, das municipalidades, a decretação de outras leis urgentemente reclamadas, bem como a systematização do movimento migratorio, estão entregues a homens cujo unico fito é cabalar para conservar-se no poder, inda que com escarneo do bom senso e condenados pela opinião.

Nada promete bom desfecho; tudo se desenha sombrio e prenhe de calamidades.

Mas a nossa despreocupação habitual, a

insouciance característica de brasileiros, leva-nos a gracejar acerca de incidentes futeis e de parvoices, aguardando que os maus se acumulem e provoquem a mais declarada e irremediável conflagração de todos os elementos sociaes.

Assim, o futuro de nossa patria asfigura-se-nos indecifrável. Será grandioso, invejável, saudado por todas as nações, suposto que tenhamos uma partícula de energia e civismo para emancipar-nos dos políticos officiosos e especuladores que nos perseguem e rebaixam. Resolver-se-ha n'um amalgama de antinomias e desgraças, se continuarmos a confiar a direção e marcha de nossos negócios a quem só tem sabido atraçoar-nos e locupletar-se.

E' preciso, em summa, que os que ocupam as altas esferas sejam expelidos para darem lugar aos caracteres sãos e bem intencionados.

Estes só existem nas baixas camadas, até hoje vilipendiadas e perseguidas.

## ESTUDOS ECONOMICOS

VI

### PERMUTA DE PRODUCTOS

#### INDUSTRIA COMMERCIAL

No precedente artigo considerámos a utilidade da circulação das mercadorias desde o fabricante por grosso e deste até o retalhheiro, porque efectivamente, n'este duplo percurso, os productos recebem nova forma, nova utilidade. Todavia, o nosso pensamento carece de ser esclarecido, sobretudo actualmente que se clama contra os intermediários.

A natureza não acumulou a immensa variedade de suas riquezas em todos os pontos do globo; o criador não permitiu ao homem de suprir artificialmente as designações do solo e do clima. Cada paiz possue riquezas proprias especiais, e, em um mesmo, cada localidade é dotada d'uma maneira diferente: aqui montanhas, alli planícies, além rios caudalosos, e mais longe costas do mar. Um possue solo, cujas entrañas contêm mineraes de toda especie, outro pode colher frutos abundantes, outro a lá e, finalmente, outro a seda.

O objectivo do commercio é pôr ao alcance de todos os habitantes do globo os productos do agricultor, do mineiro, do manufactor dos diferentes pontos da terra, procurando-lhes assim a maior somma de gosos possível, oferecendo-lhes todos os objectos que possam cubrir.

O commercio imprime novo valor às coisas pelo transporte necessário ao consumo, pelo trabalho e pelos capitais que exigem a remoção, a armazenagem, a exposição dos productos para ficarem ao alcance dos consumidores.

Uma multidão de trabalhadores concorre a essa especialidade industrial, desde o descarregador e o marinheiro até o commissário e corrector.

A industria commercial divide-se em commercio exterior e commercio interior; este subdivide-se em muitas categorias.

Está na comprehensão de todos a necessidade do commercio exterior, como tambem todos conhecem que elle augmentaria se fosse feito livremente.

Não nos ocuparemos mais das peias que o governo põe as transacções pela alfândega; já mostrámos quanto elles são prejudiciais à sociedade. A accão governamental não é menos nociva quando exercida sobre os meios, isto é, sobre a construção dos navios, sobre o pavilhão, pelos direitos diferenciais.

No commercio internacional, cada uma das nações entre as quais se fazem as permutes, enriquece-se pelo que ganham os industriaes e pelos capitais empregados de parte a parte, na compra ou na venda, na armazenagem, no carregamento, no transporte interior. Ila

equilíbrio de serviços que não se podem deslocar; mas independentemente d'esses serviços cuja importancia ninguém desconhece, há um outro que consiste no transporte por mar e que pode ser feito mesmo por terceira nação.

Pois bem, é justamente este serviço secundário, principalmente pelos seus resultados, que s-diz e provoca a accão da autoridade publica em muitas nações.

Quando um governo premeia a construção dos navios, ou subsidia as suas viagens, corre directamente contra o interesse público; toma a cada um uma parte da fortuna própria para dar-a a alguns; diminue assim a riqueza geral.

Se, para sustentar nossa navegação, o governo premiar cada navio, por exemplo, com dous contos, seguramente, é porque outros navios farão a mesma navegação com cerca d'esta somma menos. Pagaremos, portanto, o carregamento por mais dous contos do que elle deveria custar; pois para fazer face a este premio o governo creará, ou um imposto pelo tesouro publico, ou um direito aduaneiro que encarecerá as mercadorias e em qualquer das hypotheses diminuirá o nosso consumo, as nossas vendas.

Aproveitaria ao menos à nossa marinha semelhante premio? Sim, como a esmola que fazemos aproveita a quem a recebe. Mas, reputamos, se a construção de um navio custar mais caro nos nossos estaleiros que no estrangeiro; se os nossos marinheiros exigirem uma soldada maior, deve ser causa d'isso a nossa inaptidão, ou pouca oferta para este genero de trabalho; ao passo que a condição essencial do commercio exterior consiste em que cada nação se entregue às industrias para as quais tiver mais vocação.

O transporte marítimo convém às nações que têm abundância de capitais e população exuberante. É vantajoso para as nações que o empreendem, e testemunha, de facto, o melhor emprego dos seus capitais e da sua população.

No interior do paiz, o fabricante vende geralmente ao negociante atacadista; este fornece ao varegista que alimenta o consumidor. A divisão do commercio actua da mesma maneira que a da industria: aumenta a aptidão e produz a barateza.

J. C. DE MIRANDA.

(Continua)

A Democrazia. — R. DE S. JOSÉ, 121.

## NOTAS

### Por conta de maior quantia

O proprietário d'O Paiz externou em 27 do mez p. p. umas opiniões que deveram merecer o aplauso de todos.

Vamos indubbiavelmente presenciar a applicação de um correctivo indispensável e inadiável. O invertero promotor da maledicencia, aquelle que tem por oficio utilizar-se do proloquo: *inter... virtus gaudet*, foi chamado a contas e ha de prestar-as, se estima em alguma cousa o seu involucro terminal.

Realmente a nossa sociedade necessita de ser expurgada d'esse e outros dissimilares de profissão.

Nós, mesmo, no nosso modesto tentamen, não estamos livres de que caracteres perversos nos façam alvo de seus odios e invejas.

Ora, acontece n'isto como em muitas questões: Quando mais difícil parece a solução, depara-se-nos de improviso uma sahida correctissima, sumamente natural e simples.

Já não ha por que desesperar-se devido a ataques e insultos vibrados das sombras. Ahi está o verdadeiro solidario. Sus n'elle.

Felicitamos ao descobridor da idéa e aconselhamos ao indigitado: Cautela e caldo de gallinha não fazem mal a ninguém.

A Democrazia. — R. DE S. JOSÉ, 121.

### Desterro e reclusão de presos

Summamente grave nos parece a denuncia apresentada pelo nosso illustre correligionario, o dr. Cyro de Azevedo, a respeito do que se pratica com os detentos da polícia.

A tolerar-se a nova medida iniciada, de desterrar-se os presos para a fortaleza da Lage, fica inaugurado o regimen autocratico de epochas ominosas, rivalisamos em despotismo com a Russia e, por pouco, estamos todos a mercê do capricho dos governantes.

Será possível que o Sr. Cotegipe pretenda e consiga eliminar de facto a quem bem lhe apraz, sem mais formalidades nem apparencia de justiça?

Ver-se um cidadão atirado nos calabouços d'uma fortaleza quasi inacessivel antes de ter passado por qualquer processo que autorise as represalias ou o castigo! Isto é demasiado insensato, para não dizermos *cousa peior*.

Sabemos que o governo é omnipotente, na phrase de estadista bem conhecido. Por isso mesmo, aumenta a sua culpa quando exerce esse poder illimitado contra pobres infelizes, reduzidos a joguetes de esbirros.

Primeiro que nos chegue por casa, condõa-se o muito nobre barão dos desherdados e desprotegidos.

A Democrazia. — R. DE S. JOSÉ, 121.

### Fuga de escravos

Que poema se destaca d'essa evasão heroica, miraculosa de um punhado de miseriosos escravos peregrinando através das feitorias, das cidades e de metade da província, com o ar marcial e intrepido de quem vai n'uma romaria santa, inspirada por uma predestinação irresistivel!

O alarme, a emboscada, o assalto e tiroteio, nada os detém. Ignoros do terreno, privados de tudo, tendo por inimigo as hostes da civilisação e por defesa a sua indigencia escudada e fortalecida do seu direito à vida, chegam milagrosamente ao oasis de salvação!

Eis como se opera o desenlace d'esta prolongada tragedia que, qual espantoso pesadelo, obumbla e entristece a consciencia do povo brasileiro!

Enervados pelos vicios, possuidos de covardia, alelhados pela inercia, não sabemos como agir, nem como sahir da crise em que fomos colhidos.

Nada mais obvio e exequivel; as victimas, por cuja existencia e futuro tanto extremecemos, encarregam-se de patentear-nos que fora do nosso dominio vivem felizes.

Principiou a debandada, isto é, iniciou-se a éra da justiça, a phase do equilibrio, o imperio da razão.

Inda havemos de haurir as melhores lições e os mais salutares ensinamentos de quem accusavamos de incapazes de raciocinar.

Os factos fallam mais alto do que todas as deduções da casuistica.

**A Democracia.** — R. DE S. JOSÉ, 121.

### JORNAL REPUBLICANO

Voltou de sua excursão ao interior o nosso amigo, o Sr. Jayme Dias. Vem resolvido a fundar uma folha diária consagrada à causa republicana. O favorável acolhimento que encontrou o seu projecto em toda a parte e no conceito de importantes personagens consultados, são penhores de êxito garantido e brilhante.

Contando do seu lado os caracteres mais puros e talentos reconhecidos, incumbidos da redacção das diversas secções do futuro jornal, parece-nos que o paiz muito aproveitaria de uma propaganda mantida com independência e coragem. Abstemo-nos de encarregar mais a longo a utilidade da criação de uma folha francamente adhesa à forma de governo republicano, visto serem intuitivos os argumentos em que baseamos a nossa convicção, limitando-nos por ora a felicitar ao sr. Dias pela sua patriótica resolução e a desejar-lhe o mais prospero sucesso.

\* \* \*

### Grande desnaturalização

Diz o *Jornal do Commercio*, de 22, que ultimamente tem sido cassadas diversas cartas de naturalização depois dos respectivos júris e assinatura imperial.

Pedimos licença para rectificar.

Cassado foi o art. 7.º da sacraissima constituição do imperio, segundo o qual só perde o direito de cidadão brasileiro o que se naturalisa em paiz estrangeiro, ou sem licença aceita emprego, pensão ou condecoração de governo estrangeiro, ou é banido por sentença.

Se a Sociedade Central de Immigração soubesse que o governo desnaturaliza gente, devia com certeza mais um folheto.

Por nossa parte achamos que as camaras municipais não devem perder o ensejo de queimar uma gyrandola ao sr. de Cotelipe.

Grande homem!

\* \* \*

### O conflito de Campos

E' na propria Bastilha da escravidão, na Malakoff do despotismo secular e arraigado que desfere-se actualmente o ingente combate, aonde, d'um lado, se estorcem e degladiam desesperadamente as ruins paixões, a infernal prepotência, os preconceitos odiosos por cuja causa a historia representa um sudário de sangue; d'outro oferecem-se em holocausto alguns martyres, apostolos e perigrinos d'uma idéa que desponta radiosa e ha de em breve ser acclamada como salvadora.

Campos constitui de todo o tempo o baluarte do carrancismo e da deshumanidade; esta triste fama ella grangeou: a de ensopar a terra com o sangue dos precitos que a desventura tirara para aquellas bandas.

Mas, por um facto previdencial, é alli mesmo que surgem os grandes athletas da propaganda; a sua resistência e tenacidade aumenta na razão dos ataques insidiosos dos ferozes e truculentos adversarios.

Pensaram os abolicionistas de Campos que convinha hastear o symbolo de seus princípios à face de todos e crearam um periodico em cujas columnas dissertavam com denuidade e inoculavam a persuasão nos espíritos.

Mas os esclavagistas temem a discussão, o debate, qual arma mortífera; elles só acariciam o silencio sepulchral, a repressão, desde os gemidos das victimas até o canto da liberdade.

Levados por uma logica bogoal, tramaram a ruina do *Vinte e Cinco de Março*.

Não faltaram pretextos nem convinentes para a perpetração de tão negro attentado, ainda mais quando não se escrupulisa na retribuição de serviços.

Porém a nação assiste consternada diante de tamanha desvergonha e saberá aplicar o devido qualificativo aos hystriões d'essa farça sanguinolenta: barbaros!

### Os apologistas dos Davinos

Considere o leitor a equidade incomparável do nosso sistema de governo, que em theoria consagra o catholicismo como religião do Estado e na prática sanciona as mais flagrantes transgressões aos preceitos d'essa religião.

De facto, a lei de Christo é synonimo de paz, amor, caridade, desinteresse, abnegação.

A noção mais elementar de justiça, observada entre selvagens mesmo, condena o encaixamento e o requinte de ferocidade contra seres viventes e ainda mais criaturas humanas.

Entretanto, alem de tolerar-se a nefanda instituição da escravatura, negação absoluta da dignidade humana e do espírito civilizador, oh vergonha! ha entre nos quem se encarrega de attenuar-lhe a hediondez e de disculpar os excessos que a sua sombra se cominhetam!

Ah, sede do ouro, a quanto não obrigas!

Discursadores refinados, rhetoricos astutos, mercadejadores da sciença; far-nos-hiam renegar do progresso e da intelligencia, se não existisse uma lei fatal que leva o mundo a cairminha e a progredir!

De argumento em argumento, de deducção em deducção, chegam os mercenários-publicistas a conferir a impunidade aos crimes mais bravadeiros e horrorosos!

Tal e a natureza humana, guiada pelo instinto egoístico e pelos preconceitos de uma falsa civilização.

Para homens que antepõem o seu proprio beaster aos martyrs de uma geração; para escriptores que creiam o induito dos Davinos, Francisca de Castro e centenares de imitadores, não ha suppicio condigno, nem pena assaz dura; o desprezo, o asco, o nojo é a unica resposta com que podemos retrucar aos seus desmandos e vociferações assaltadiadas.

### Club Militar

Sobre modo honrosa para a classe militar é a altitude que tem assumido esta digna corporação, agora mais notável com a mensagem que por intermedio do sr. ajudante general do exercito acaba de dirigir a regente do imperio, pedindo que seja a exercito dispensado da tarefa degradante de pegar escravizados evadidos do captivo.

Em verdade, não esperava a opinião publica outro procedimento da parte dos militares, quando via com lastima e dor, o governo da regencia desviar os corpos do exercito da nobre missão que lhe foi consignada pela carta constitucional, para o infame mister de *capitães de matto*. Destacar para tão estranha infima jornada aquelles que a lei fundamental da nação, destinou à defesa da sua honra e da sua integridade, é attestar o governo a vileza e perversão de suas idéas e seus intuiitos; e se os militares não protestassem contra tão aviltante pipel imposto por um governo indigno d'esta terra, cahiria fatalmente no vilipendio e no desprezo publico.

Se a petição do Club Militar não for devidamente atendida, resta ao exercito negar-se absolutamente ao desempenho de uma missão que não é de seu dever e o degrada na consciencia do paiz.

*Post-Scriptum.* — A mensagem, de que acima falhamos, não foi tomada em consideração. Não convinha ao governo, nem à sua alteza fingir que dão ouvido ao povo. O seu interesse é a manutenção do arbitrio e da tyrannia. A classe militar está justificada e o tribunal da consciencia já pronunciou a sentença que a eleva no juizo da nação.

### Associação Commercial do Rio de Janeiro

Temos estranhado que a inelyta Associação Commercial do Rio de Janeiro ainda não tenha dirigido ao famigerado sr. presidente do Conselho uma mensagem, louvando o sabio governo de s. exa., de cuja sabedoria tantos actos se derivam em todo o imperio para tranquilidade do commercio e da lavra, e muito especialmente por aquella surra aplicada a um portuguez por um fazendeiro de Campinas.

Esse portuguez, naturalmente era algum turbulento, d'esses capazes de provocar conflitos abolicionistas por aquellas regiões agricolas, e o acto do fazendeiro surrador não foi mais que um reflexo dos actos do sabio governo do sr. de Cotelipe a fim de reprimir amotinadores.

A Associação Commercial não deve deixar passar esta excelente oportunidade de mais uma vez tecer lóas na sua prosa cerrada ao seu querido barão, agora que os estrangeiros maxime os portuguezes signatários da primeira mensagem, devem exultar de prazer depois da surra de seu compatriota.

A polícia do sabio governo do sr. de Cotelipe enche a Correcção d'esta capital de portuguezes, italianos, sem nota de culpa nem processo.

Mais um motivo para outra mensagem da Associação Commercial.

Não se faça molle.

### Divino e eterno

As misérias da natureza humana causaram sempre horror à essencia divina d'estes grandes senhores dos povos que se chamam reis, imperadores e príncipes.

A maledicência, embargando-lhes a vida, flagelando-os pela dor, castigando-o pelo sofrimento foi-lhes sempre o supremo suppicio porque nivelava-os pelas leis eternas da natureza ao cumum dos mortais, tirando-lhes todo o prestígio da sua origem sobrenatural e phantastica.

A morte, o fim natural da existencia, só lhes sorria, na refrega, d'essas pelejas sangrentas em que ossadas humanas servissem de pedestal a seus feitos e à sua fama.

Só em meio do espetáculo farfalhante de lutas e de guerras, espalhando a desolação exalhavam contentes o ultimo alento embalados pelos acenos de uma gloria sanguinária.

E assim perpetuaram o domínio dos povos e a grandeza de seus descendentes.

Esse sistema anachronico de governo monárquico, embora já profundamente modificado pelo tempo, prolongando-se até nós, está ainda produzindo as mesmas superstições e as mesmas tolices dos antigos tempos.

O imperador está demente, todos o sabem; todos estão convencidos d'isso, mas os mandarins d'esta nossa China levantam uma peleira terrível nos campos da opinião para occultar de todos a luz clara da verdade.

E' preciso não abalar o prestígio da sagrada instituição imperial e fazer todo o esforço para elevar seus representantes até a esfera eterna da grandeza divina.

No Tibet são mais logicos os monarquistas; decretaram a immortalidade do rei, que cercado de sombras litúrgicas vive e é substituído sem que ningum devasse os mistérios da celeste governação.

Porque não fazem como lá?

### Cidade de Santos

No espirito dos tristes escravizados, ella surge no horizonte irinda e vicejante de esperanças, como um oasis no deserto de Sahara.

Santos! ella aparece na noite sombria da escravidão aos martyres, aos infelizes desterrados da humanidade, como aos naufragos no deserto do oceano um phanal na costa salvadora e hospitalaria.

Santos! Ella assume ridente e carinhosa à visão esparzida dos miserios perseguidos da injustiça e da iniquidade social, como a mãe heróica e intemperata, de braços abertos e seios palpitantes recebendo e arrebatando da fúria da deusita aos filhos batidos nas trevas horrores do captivo.

Santos! A grande terra! O sanctuario da liberdade! A estrela do Oriente guiaando os foragidos do despotismo! A cittadella inexigüavele da salvagão de inocentes condenados!

Nós saudamos-te e vencemos-te!

\* \* \*

### A maçonaria e a escravidão

Depois da infelizqüera questão religiosa, a maçonaria brasileira recolheu-se à sua obscuridade e não deu mais signal de si. *Finis Poloniae.*

Entretanto, ha bastantes annos, agita-se a formidavel questão da liberdade dos escravizados, e o Grande Oriente do Brasil tem-se mantido quedo, mudo e surdo como um penedo!

A liberdade dos captivos, acto de caridade, missão filantropica, obra de misericordia, tarefa civilisadora, preparatoria do melhor futuro d'essa parte do genero humano n'este continente da America, não tem merecido da rica, numerosa, vasta, potente associação maçonica o mais leve ar de sua grava.

Estamos agora n'uma phase encanadescente da questão abolicionista, em face d'um governo feroz e infamemente negreiro, e a maçonaria não se digna fazer a hem da liberdade um de seus signes nem disparar nenhuma de suas baterias, nem simples, nem triplas!

Nem uma peça de architectura aos seus sacerdos a favor dos oprimidos!

Nada! nada!

Então para que serviria a maçonaria?

\* \* \*

### O BDM-SUCESSO

Saudando cordialmente a este novo campeão que se ergue para instruir e para defender os oprimidos, regosimo-nos tanto mais quanto é no proprio fóco que convém extrair o mal. Bom-Sucesso, Oliveira e S. João d'El-Rey formaram ate pouco a trindade indomável do fanatismo religioso e o baluarte da escravidão. Aquellas duas primeiras cidades adquiriram uma fatidica nomeada pelas criaturas que de lá saíam com a infame mira de explorar a humanidade, comecendo em escravos sob a denominação de combicheiros. Deus se amecea d'elles e lhes faça abrir os olhos a luz.

O novo orgão poderá nesse terreno prestar imensos serviços.

### Um reparo

#### «A REDENÇÃO» DE S. PAULO

Entre os jornais de S. Paulo, um que mais se destaca pela valentia de expressão e nobreza dos intuiitos, é incontestavelmente *A Redenção*, orgão dedicado aos interesses abolicionistas e escrito com um vigor e lucidez que só a paixão de uma causa sagrada pode inspirar.

Da sinceridade de nosso juizo dão provas as repetidas transcrições que, por diversas vezes, temos feito e ainda hoje fazemos de judiciosos conceitos do illustre collega, a quem votamos inteira sympathia e admiração.

Foi por isso que nos magoou profundamente, causando-nos verdadeira estranheza, o juizo que sobre o partido republicano emitiu o contemporaneo em seu numero de 20 do passado.

Conheça o illustre collega declarando que embora engrossem cada dia as nossas fileiras, por adesões frácas e repetidas, não acredita na possibilidade, mesmo remotissima, do advento da republica no Brasil.

E para justificar esta opinião, que os factos se encargam por si de contestar, diz o collega que *o povo brasileiro é impotente e fraco por natureza, indiferente aos acontecimentos da patria e humilde ás imposições do governo*.

Seria necessário desconhecer a historia do povo brasileiro para irrogar-lhe semelhante acusação.

Quem consultar de animo desprevenido as poucas paginas dos annaes de nossa nacionaldade, ahí verá exemplos completos das generosas e levantadas qualidades do nosso povo, entre as quais até a energia, que lhe é tão contestada.

A verdade, inegável para os bons espiritos, é que a monarquia e a escravidão, instituindo o regimen do privilégio e da injustiça, adormeceram sorrateiramente os sentimentos outrora nobres e viris que formavam o carácter nacional.

O que é preciso é libertar quanto antes o paiz d'essas duas nefandas instituições que a permanecerão trarão o completo aniquilamento da nossa existencia social.

Causa-nos por isso admiração ver um tão esforço do inimigo da escravidão não só querer poupar a monarquia, que é uma das causas primordiaes do nosso abatimento moral e material, mas ainda vibrar armas fraticidas contra nós os republicanos que queremos não só a liberdade dos negros mas ainda a dos brancos.

Dizer que os republicanos são descontentes que, por não poderem galgar posições nos partidos monárquicos, passaram-se para a republica, é uma boboseira sediciosa e estafada que admiramos ver repetida pelo illustre collega; realmente, só mentecaptos procurariam galgar posições, fitando-se ao partido republicano que é um partido de desinteresse de abnegação e de sacrificio pelo bantimento systematico que soffrem seus adeptos de todas as posições, de todas as horas e de todas as vidas e s.

Ac. e ce, além d'isso, que a propaganda vigorosa que se tem feito ha dezenas annos tem educado uma pleia de republicanos que nunca pertenceram a outros partidos.

A unica censura razoavel emitida pelo collega paillano — confessam-o sem rebuço — é a que se refere a alguns republicanos fazendeiros que possuem, ainda, e cravos. Esse facto, aliás referente a um numero muito limitado de republicanos, revela, além da falta de comprehensão perfeita das verdadeiras doutrinas democraticas, a anarquia do nosso meio social em que nem sempre é possível harmonizar os sentimentos com os actos, como alias deveria sempre acontecer. Mantidos a essa posição embarragosa, é força confessar, entretanto, que os fazendeiros republicanos estão resgatando a sua culpa pela revolução que vão operando no mundo rural, prestes a aceitar, por iniciativa d'elles, a data gloriosa de 1889 para a libertação total dos captivos.

A proxima criação de um diario republicano, aqui na corte, enfrentando os poderes que infelicitam a nação, longe de augura, como quer o collega, a dissolução do nosso partido, significa — e claramente — a sua roborada e cohesão.

O serviço enorme que esse orgão prestará em breve à ideia republicana e evidente a todos os olhos; elle virá activar a propaganda no proprio centro de toda a nossa vida politica e dará harmonia de accão a todos os centros republicanos espalhados pela vasta superficie do paiz.

Não serão *barretadas de ministros* que entibiarão a fé e o trabalho dos nossos propagandistas; as seduções do poder já depuraram as nossas fileiras de todos os falsos crentes; os que permanecem são poucos, mas não se rendem.

Não deixamos entretanto de reconhecer que a atmosphera autocratica e mercantil d'este bazar internacional que se chama Rio de Janeiro, é pouco propicia a um empreendimento regenerador como o da imprensa republicana; mas os elementos sãos d'aqui e das províncias, são garantias de sobra para o exito d'esse committimento.

**A Democracia.** — R. DE S. JOSÉ, 121.

**Chapa senatorial**

O Sr. F. Octaviano offerce aos eleitores liberaes da província do Sr. Paulino e do burgo neutro uma chapa composta dos tres nomes estrondosamente derrotados ultimamente: os srs. Eduardo de Andrade, Bezerra de Menezes e Rodrigues Peixoto.

Os deputados provincias e as influencias do commercio e da lavoura, diz o Grande Orgam, sustentam os srs. Barão de Cantagallo, Honório Ribeiro e Pedro Gordilho Paes Leme.

Os deputados provincias contestam o Grande Orgam, e juram fidelidade ao chefe.

Fallem as tais influencias do commercio e da lavoura!

Expliquem-se os srs. Malvino, Franca Caetano, e outros.

**Opiniões dos estrangeiros**

O integro e irreprehensivel collegio do *Rio News* que se publica n'esta Corte, diz em seu editorial de 24 do mez p. o seguinte:

« Os fasendeiros da província do Rio de Janeiro parecem resolvidos a mostrar desprezo pela lei e pela humanidade.

« Ainda não se borraram da memoria do publico os infandos ultrajes praticados sobre escravos da Parahyba do Sul, quando informam-nos de outro caso de maior atrocidade.

« O facto, referido pelo *Jornal do Commercio*, a quem devemos considerar como desinteressado na questão, consiste em que um fasendeiro tinha libertado um ou mais escravos sob condição de os servirem por um tempo determinado.

« O seu trato, porém, foi tal que aquelles fugiram, sendo capturados pela polícia a quem o ex-senhor recorrera assim de obrigarlos a cumprir as condições de sua emancipação.

« Allega a polícia que admisstaria o ex-senhor, que lá bem é de cor, aconselhando-lhe mais conforto de com os preceitos da moral e da razão, que fui respeitosamente ouvido e aceito.

« Mal chegam, porém, os escravos ao poder d'esse monstro com figura humana, que ordena a dous subordinados d'ele que torturam esses desditos libertos a ponto que tres expiram debaixo do castigo. O quarto ainda vivia quando o destacamento policial chegava; morria porém poucos momentos depois.

« Pois bem que expressões ha que possam stigmatizar suficientemente esse atroz e quadruplo assassinato? Confessamos que não achamos nenhuma. Preferimos expôr o facto em toda a sua hiediona simplicidade e que a sociedade ingleza que lá julgue dos pretensos fôros de civilização a que pretende aquella região do Brazil em que sedão semelhantes barbaridades.

« Dir-se-ha, sem duvida, que onde ha um mau fasendeiro, tambem existem outros muitos bons.

« Não objectamos; se aparecem ladrões, não faltam homens probos. Estes, porém, concorrem à captura e repressão dos malfeitos.

« Os lavradores bons jamais renhaceram que o assassinio de um escravo seja um crime mais grave do que arcabuzar ou mesmo matar um animal de especie inferior à do proprio fazendeiro.

« A província do Rio de Janeiro faz bem em não procurar altrahir imigrantes. Cremos que é o ultimo ponto em que elles não podem esperar outra cousa mais que maus tratos, enquanto perdurar o designio collectivo de introduzir servos ou succedaneos do escravo.

« Se um lavrador pode sevir a um brasileiro, livre perante a lei, e infligir-lhe a morte: que protecção pode haver um para estrangeiro?

**População de Buenos-Ayres**

Em uma correspondencia do Rio da Prata para o *Diário Popular* de S. Paulo, lê-se que o ultimo recenseamento dà à cidade de Buenos-Ayres 434.633 habitantes, incluidos 9.790 de população fluvial, embarcada em 1331 navios de todo o genero, ancorados no porto por occasião do arrolamento.

Se tivessem sido comprehendidos os bairros das Flores e Belgrano, que vão ser encorpiados à capital, com cerca de 25.000 almas, o total da população de Buenos-Ayres subiria a 459.633, o que a collocaria entre as capitais de segunda ordem, como Madrid, Bruxellas, e outras cidades da importancia de Nápoles, Birmingham, Manchester, Chicago, etc.

Tudo presuncia que em menos de vinte annos Buenos-Ayres será uma das maiores cidades do mundo.

O Rio de Janeiro tem a população que cada um lhe quer dar, desde 210 mil até 600 mil.

A re-pito de estatística, o imperio é uma lastima.

E a respeito de muitas outras cousas.

Como, porém, o fisco é vigilante e insaciável, sabemos que ha n'esta cidade 33.000 mil casas, e dando liberalmente doze moradores a cada uma, sem excepção, aínda ficam bem longe de Buenos-Ayres.

**Congresso rio-grandense**

No dia 30 de Setembro ultimo reunio-se o congresso republicano rio-grandense em Santa Maria, e celebrou sucessivamente tres importantes sessões, achando-se presentes os srs. H. realano Montenegro, representante dos republicanos de Jaguarão; dr. Assis Brasil, de S. Martinho; dr. Demetrio Ribeiro, de Alégre; dr. Julio Castilho, de Taquary; dr. Ernesto Alves, de Campanham e S. Francisco de Assis; dr. José Pinheiro Machado, de S. Luiz; dr. Alvaro Baptista, de Santo Antônio; João César da Oliveira, de Dores de Campanham; dr. Homero Baptista, de S. Borgia; Apparicio Mariense, do Passo de S. Borgia; dr. Ferreira da Costa, da Cruz Alta; Fructuoso Fentoura, de Santa Maria; Augusto Pereira Leitão, de S. Vicente; Inocêncio da Silva Costa, de S. Pedro; Julio Matheus, de S. Gabriel; João Appel Primo, de Cacapava; José de Almeida Lencina, de Carovy, e município de S. Luiz.

Faltaram com causa alguns delegados.

O congresso considerou como objecto involvel da propaganda e da accão collectiva do partido a abolição imediata, incondicional e sem resgate, assumindo todos os delegados o compromisso espontâneo de promoverem n'esse sentido agitação popular nos municipios da sua respectiva residencia por todos os meios que possíveis forem, entre os qua's avulta a constituição de comissões libertadoras.

Nomeou uma comissão, composta dos drs.

Demetrio Ribeiro e Julio de Castilhos, para de acordar e de combinação com o deputado republicano dr. Assis Brasil estudar e fixar as bases da reorganização do trabalho na esfera provincial.

Estabelecidas tais bases, e adoptado um conjunto systematico de medidas reorganizadoras pelos cidadãos, ao deputado republicano e à imprensa do partido cumprirá agitar na publicidade o plano elaborado, cuja adopção por parte dos poderes officiaes da província será o elevado objectivo de uma propagação especial.

Ficou incumbida a Comissão Executiva de dirigir-se ao Conselho Federal constitui-lo no Rio e ás comissões directoras dos republicanos nas províncias, no empenho não só de assegurar plenamente a harmonia da accão positiva do partido como sugerir a conveniencia de efectuar-se no Rio em epocha opportuna a reunião do Congresso Nacional.

Foi aceita unanimemente uma moção pela qual o Congresso afirmou a sua solidariedade com o illustre coreligionario dr. Assis Brasil no desempenho do mandato de deputado provincial durante a legislatura e com a direcção que tem sido dada á *Federacão* pelo brilhante e laureado escriptor dr. Julio de Castilhos.

A Comissão Executiva, fleou assim composta:

Membros efectivos: Demetrio Ribeiro, Julio de Castilhos, Ernesto Alves, Julio Pacheco e Ramiro Barcellos; suplentes — José Pedro Alves, Luiz Lescagne, Cândido Pacheco, Orlando Coelho da Silva e Felicíssimo de Azevedo.

**Movimento Republicano**

Lê-se no *Correio do Machado*:

Em S. José do Tijuco, no 15º distrito, aderiram ao partido republicano 45 eleitores, firmando um importante documento politico.

Em Monte Algre, mais de 100 eleitores vão dar o mesmo passo.

Registramos com intimo prazer e te movimento republicano no 15º distrito e congratulamo-nos com o nosso partido pela brillante pleia de corregidionários que se arregimentam.

Saudamos a patria que vê seus filhos saudarem o jugo ferrenho de uma monarquia *endoidada* e unirem-se em defesa da democracia, fonte unica de onde emanará a felicidade, o progresso e a grandeza do Brazil conferido.

Se um lavrador pode sevir a um brasileiro, livre perante a lei, e infligir-lhe a morte: que protecção pode haver um para estrangeiro?

**Vida dos captivos**

Achamos a descripção, que damos em seguida, tão commovedora e pathetica em sua singeleza e desatavio de phrases sonoras, que pedimos venia ao nosso collega d'A *Redenção* para reproduzil-a.

Para quem conhece as scenas desoladoras do interior, esse quadro não é mais que uma pallida imagem da realidade.

Nós avançamos mais. Cada fazenda é um acoague de carne humana. O fazendeiro e sua familia assistem impavidos à consumação diaria dos mais monstrosos attentados e ultrajes contra a civilização.

Não ha correctivo possivel contra o viciamento obstinado, cynico, empedernido, systematico e inexoravel.

O unico alvitre consistiria na inversão das funções: ao carrasco corresponde agora curtir as angustias das victimas; aos escravados brandir o latega e sacudil-o no corpo anedado d'aqueles.

A 8 horas da manhã, mais ou menos, conforme a necessidade do administrador da fazenda, tocam o sino.

O primeiro toque desperta os pobres escravos do pesado sonno que, pela canecira do trabalho do dia anterior, dormem profundamente, mas nem bem acabam de se vestir, já ouvem o segundo toque do sino, que chama-os à revista; algum que por qualquer motivo, vem atrasado, é encontrado pelo feitor que lhe diz em voz alta: — Então você não ouviu o sino, ladrão, cachorro, toma lá um duzia de couro para outro dia você estar mais alerta. Ahi chegam todos á presença do administrador, estão-todos em pello, e o feitor defronte; se alli ás vezes está alguma criancinha nos braços de sua mãe e está chorando de frio, logo lhe diz o administrador:

— Agrade essa criancinha, negra.

Mas agradar como, se o agasalho lhe falta?

Ali, por qualquer causa, já mandam passar o couro de ponta a ponta. Se um ou douros pobres escravados dão parte que não podem ir ao trabalho, declarando que estão doentes, logo lhes diz o administrador:

— Eu também ando doente e não dou parte a ninguem e estou sempre trabalhando, e, portanto, vocês façam o mesmo, senão eu os uso com o couro. Você não tem mala, é manha; puxem para a roça.

D'ali seguem para o logar do trabalho determinado pelo administrador e o feitor na retaguarda; isso quer chova, quer faça sol; para os negros todo o tempo é bom; não podem perder uma hora de trabalho, e trabalhem sem tregos nem descanso, senão, alli mesmo, o feitor exempla-os e se algum reagir, o feitor mette-lhe o cabo do relho na cabeça, amarra-o e manda-o para casa, onde vai ser posto no tronco e castigado com bacalhau e depois mettido em ferros, para de novo ir para o trabalho.

A 8 horas da manhã mais ou menos chega, a carrocinha da comida; o feitor manda que vão almoçar; os miseriosos escravos chegam aonde está a carrocinha, rodeam-na, pucham cada um sua colher que trazem enfiada na cinta e sentam-se para comer. Mas que comida? Feijo mal temperado e angu mal cosido! E comam calado e achem bom, senão...

Para essa refeição o feitor dá meia hora; vencido esse prazo, muito embora ainda esteja algum comendo, ouve-se o grito do feitor: — Levanta; largam todos em acto continuo e sahem para o trabalho.

Alli logo o feitor grita: — Bota enxada. E é necessario que todos respondam: — Sim, sim; senão já tomam couro, até responderem, e se algum apanha e fica mal satisfeito, conio é muito razoavel, esse é chamado de novo, e, se a primeira vez é castigado com relho ou palmaria, a segunda é com bacalhau, até que mostre-se alegre ao algôz que o subjuga!

Com o sol quente ou com chuva, são obrigados a trabalhar sem camisa (em diversas fazendas) e alli se vêem aquellas costas todas retalladas do relho do feitor.

Chegada a hora do jantar, chega de novo a carrocinha da comida e o feitor: — Vão jantar. Sahem os miseráveis do logar do trabalho e rodeiam de novo a carrocinha, pensando que talvez morresse algum porco de peste, e que por isso viesse alguma carne, para diferenciar o almoço; mas qual o que! é o mesmo feijo com angu, e feito de que modo! Elles alli sentam-se magondas, a comer um manjar que já aborrece, e dizem consigo: — Nós que plantamos tudo e temos todo o trabalho, no entanto vemos tudo por um oculo; não é nada, tudo ha de ter fim.

Acabado de jantar, que dura tanto tempo como o almoço, peggam no servico, cada vez mais apertado. D'ahi a pouco, chega o administrador, montado a cavalo; ao approximar-se do eito, mostra uma carranca que parece a de um ingrato inimigo da raça africana, capaz de devorar com os olhos e com os dentes. Já todos lhe dão louvado e a nenhum elle corresponde. Passeia de um lado e outro; depois, vira-se para o feitor e lhe diz:

— Não fizeram nada até agora; é preciso apertar mais essa gente; estão mangando.

O feitor só responde — sim, sim, pois, se é captivo, tem medo do couro e se é livre, tem medo da demissão; então, logo que o administrador retira-se para casa, começa a dizer bota, bota e a arrumar de couro e mais couro até a noite.

Parece que lidam com machinas a vapor e não com gente, como nos mesmos!

Emfim, com todos estes tormentos para os pobres esravizados, e chegada a noite, largam do trabalho e seguem para casa, cada um com um bom ferre de lenha na cabeça, não para si, e encarreirados como tropa e o feitor à retaguarda; chegam á casa, fazem si leira, dão louvado, e seguem os mesmos processos da primeira revista.

O administrador, não satisfeito ou para evitar que os negros roubem (o que é seu mesmo), ou que passem antes de dormir, manda debulhar mitho ou fazer qualquer serão que vá até as 9 horas embora não tenha d'issso necessidade.

Nessa hora vem a ceia, com alguma dife rença — em vez de feijo com angu, vem angu com feijo.

Excusado é dizer que não é todo o senhor que da ceia aos seus escravizados.

Em seguida o sino dá signal de recolher, faz-se nova revista a ver se falta alguém, o feitor espanca aquele que n'essa occasião foi beber agua ou ate a cachimbo, e fecha-os no quadrado, onde vão descansar por poucas horas.

Assim, no dia seguinte e em todos os outros, repetem-se as mesmas scenas, ou peiores.

Às sábados, resam o tergo com fervor e, timidos imploram em seu coração a piedade da Consoladora dos Afliitos, para que alcance de seu Bento Filho misericordia. Mas à sahida, apanham de relho, para chegar de pressa ao costume.

Às domingos, em umas fazendas, só têm descanso das 9 ás 4 ou 5 horas da tarde; em outras, só depois que acabam una certa tarefa, até ao escurecer, hora em que têm de começar o costume.

Note-se que, n'essas minguidas horas de descanso, é que os escravizados têm de lavar sua roupa, as mães tratar de seus filhos, etc.

Na colheita de café, muitas vezes é necessário que os miseráveis levantem-se á meia noite ou em outra qualquer hora da noite, para lavar o café da chuva, etc. e n'essa occasião levantam-se com o corpo molle, como é natural, já pelo cansaço com que se deitam já pela hora impropria em que se acordam; mas o feitor activa-os com o chicote e aos gritos de — trotéa, diabo, que se misturam com os de — ai, Jesus! exhalados pelos infelizes escravizados. E' que ha mais pena de um pouco de café que se molha, do que da irremunerada gente que o plantou e o colheu. E' que os sentimentos de igualdade, de gratidão e de religião são totalmente banidos da moral de tais fazendeiros de sorte que não ha serviço, por pequeno que seja, ou um pouco de café que se beba, que não seja humedecido pelas lagrimas e salpicado de sangue dos miseráveis captivos.

Espoliados em tudo, não gosam dos direitos que lhes dão a natureza sobre suas mulheres e seus filhos. Se um d'estes é castigado, o pae ou marido têm de se mostrar insensivel, indiferente e tranquilo; senão, é tambem castigado com as penas que quizerem de momento.

O remedio para as sevicias é sal, vinagre, etc.

O relho é um couro ou uma esteira estendida no chão imundo, onde as pulgas e bichos, tambem por sua vez vêm augmentar o suppicio dos miseráveis escravizados, que só têm como travesseiros para descansar a cabeça atordoados — u tóco de pau.

Eis a triste vida dos miseráveis captivos. Deus tenha d'elles compaixão.

*Um que foi captivo.*

**SEÇÃO LITTERARIA**

**O HOMEM**

por ALUIZIO AZEVEDO

**II**

Verdade seja que nos classicos encontra-se *mais principal*, e não falta por ahí quem escreva inimigo *mais acerrimo*, e sólo *mais ubr-rimo*.

Não é de seguir a lição, pareco-nos. Te cos que a phrase ficaria correcta assim: Elle era o melhor dos homens, e a todos preferivel.

«A roda dos seus amigos crescia a olhos vistos.»

Vulgarissimo, talvez já inevitável, é o erro que se contém nessa locução.

Ouvimos todos os dias: *O cometa* aproxima-se a olhos vistos; *a luz do pharol* amortece a olhos vistos; *as plantas* crescem a olhos vistos.

A construcção inversa da phrase é uma cilada para o ouvido, e proluiz o erro de concordância que tanto se tem generalizado.

Os olhos vêem o cometa aproximar-se, a luz amortece, etc.; portanto o cometa é visto a olhos (desarmados, nus), a luz é vista, as plantas são vistas.

Segundo a forma usual, os olhos é que são vistos.

Correctamente diríamos: As plantas crescem a olhos vistos; — A roda dos amigos crescia a olhos visto.

Em contrario cita o Diccionario chamado de Aulete uma phrase de Francisco Manuel, em que bem pode ter havido erro typographicico. Em todo o caso, temos por mais seguro acompanhar Moraes, Castello Branco, Castilho (Antonio), e sobretudo José Feliciano em uma das suas notas à Livraria Classica.

Brasileirismo inveterado e feio é o emprego do adverbio *quanto* precedido do artigo *o*.

«Contou-lhe o quanto adorava seu Fernan-do; o quanto precisava de casar com elle.»

A lição dos mestres daria: Contou quanto adorava, quanto precisava casar.

Em geral os escriptores de nota fazem intransitivo o verbo obedecer, e dizem: obedecer à lei, ao impulso, ao peso, etc. Causa, por isso, certa estranheza a forma obsoleta de que usa o sr. Aluizio, pag. 155, quando escreve: *obedeça-o*, por obedecer-lhe.

Graphicamente distinguem-se *afeiçoar*, dar feição ou figura, e *afeiçoar*, inspirar afecto; mas ambas as palavras soam do mesmo modo, e prestam-se a trocadilhos, que importa evitar. «Para não contrariar ao pae, que se mostrava muito afeiçoado por elle» é amphibologico, e nada elegante.

A argila é afeiçoada pelo artista.

O conselheiro era afeiçoado ao commen-dador.

Dúvida por vezes o leitor si a descendo de revisão, si a proposital inovação deve attribuir o frequente desprimo de vocabulos e de contextura que se nota n'O Homem.

Esgaires, cangote, saudades pelo filho, terror pela morte são empregados em lugar de esgares, cogote, saudades do filho, terror da morte.

«Podemos ficar a nossa plena vontade, fazer o que bem quizermos, rotarmos, ..., entre-garmo-nos, ..., entouquearmos, ...,»

«Será muito bonito si eu agora nem acor-dada me possa livrar...»

«O que vos peço, quer hajam de ir ou não, é que se casem...»

«Meias que faziam pena calçal-as, de tão lindas...»

Leves maculas como essas ha outras que o autor ha de apagar de seu livro em uma das proximas edições.

A bellissima descrição da tarde no campo de Sant' Anna contém um pequenino senão, só extranhamvel por ter escapado a observador tão consciencioso.

Declinava o sol, enchiam-se de sombra as ruas do parque.

«Reviviam as flores amigas da noite, e co-meçavam a murchar as boninas e as papoilas»

A bonina, impudente tricolor tambem co-nhecida por maravilha, está tão longe de em-murchar a tardinha, que até na intimidade chamam-a *boas noites e belle de nuit*.

Ainda temos no ouvido a toada de uma velha canção popular, que começava assim:

Maravilha, flor da noite...

Que as papoilas, como dormideiras que são, recolham-se ao toque de trindades, é possivel.

As boninas tem habitos mais aristocrati-cos, ou mais bohemios: trocam o dia pela noite.

Não imagine agora o joven romancista que pretendemos medir a cordel a sua prosa, ou que temos pendor para grammatico, ou pu-rista, ou mestre de rhetorica.

Tao outra é a craveira a que sujeitamos as nossas leituras, que não desconhecemos o encanto de certas expressões populares e de alguns neologismos, como sejam: pegou de selamentar, abria a chorar, abriu n'um pranto, achinhar os olhos, etc.

Está ao alcance de todos apontar imperfeições. Pôde o remendão descobrir em primorosa estatua o defeito da chinella. Não é o mesmo fazer a critica da belleza, tarefa que exige apurado gosto, rapida comprehensão do conjunto, e rara facultade de analyse.

Não nos propomos dizer todo o bem que sentimos do notavel romance brasileiro. Tentaremos apenas dar ideia do que mais nos impressionou durante a leitura.

Magnifica paysagem é a descrição da chaca, o casarão tristonho e antigo, para as bandas da Tijuca, meio abandonado ao matto e a trapoeraba. «No portão começava uma longa e tenebrosa alameda de mangueiras, e se ia extendendo por ali acima, lugubre como um caminho de cemiterio. Era triste aquillo com os seus altos muros de pedra e cal, pesados, cobertos de limo, e transbordantes de copas d'arvores velhas..... Mettia afflicção entrar lá: um pavoroso silencio de egreja abandonada enchia os enormes quartos nus enxovalhados de pô; um ar feio e encanado, como ar de corredores de clauastro, enregelava e opri-mia o coração n'aqueles longos aposentos sem vida. Tudo aquillo transpirava cheiro de velhice, cheiro de molestia; sentia-se a friagem da morte e a fadentina humidade das catacumbas.»

Quem não reconhecerá nesse sepulcro de vivos um exemplar da architettura mestre de obras, que produziu o paço da cidade, o do senado, e alguns dos palacetes impregnados da melancolia que os nossos avôs comunicavam á habitação onde com a vaidade do traficante afidalgado alojavam o tédio, o des-consolo, a ânsia do nada?

Quadro de outro genero:

«Reponava odia. Tudo se enchia de vida; as abelhas sahiram para as suas obrigações; borboletas peralteavam já pelo ar, em troça, mechendo com as flores; a pequenada dos ninhos reclamava o almoço, e os paes andava-vam por fôra, a tratar da vida, afflictos, pre-ocupados, mariscando a humidade da terra o pão nosso da família. O sol erguia-se como um patrão madrugador e activo, acordando toda a sua gente, e chicoteando a golpes de luz a matto inteira, folha por folha, para não deixar nem um preguiçoso dormindo acoitado pela sombra.

Uma doirada nuven de lavandeiras doidejava sobre os lagos, picando a agua com a canda, de instant a instant, n'um crepitante frenetico de azas.»

Razão teve Walter Scott para ponderar que em um bom romancista ha sempre um poeta.

A formosa pagina que acabamos de copiar é um hymno da manhã, em que a mystica harmonia lamartineana está substituida por uma docura de afectos que se derrama por toda a natureza, chamando-a à communhão humana.

O sol, as abelhas, as borboletas, os passa-ros, as lavandeiras seriam para Lamartine outros tantos cantores:

Tout vit, tout s'écrit.

C'est lui! c'est le jour!

C'est lui! c'est la vie!

C'est lui! c'est l'amour!

O romancista brasileiro faz com os mesmos elementos um quadro em que ha o patrão madrugador e bulhento, as gulosas crianças que acordam pedindo almoço, os paes occupados no ganha-pão diario, o munlo operario das abelhas, a juventude doirada, travessa e inquieta das borboletas e lavandeiras.

Preferimos a prosa de Aluizio, nôs que ti-vemos o fanatismo, e ainda temos o culto do grande poeta frances.

Agora uma pintura da tarde.

«O sol acabava de retirar-se, mas a terra ainda palpitava na luz. As aves iam se che-

gando aos seus penates; toda a natureza se aninhava para dormir, só as vadias das cigarras continuavam espertas a cantar, fazendo sobresair o seu interminavel ts-minor d'en-

tre os pacatos bocejos da matto, que se espre-giava ali mesmo, a dous passos da casa, tranquilla e submissa como um animal domes-tico. Magdá sentiu-se ternamente impressio-nada pelo taciturno aspecto do casario que, lá n'aquellas alturas, se lhe afigurava um velho mosteiro ignorado. A circumstancia da hora tambem contribuiu para isso; aquella hora sem dôno que não pertence ao dia nem á noite — era d'ella; chamou-a a si, como se recolhesse um engeitado, e tomou-lhe carinho.

Era o momento predilecto para as suas con-centrações e para os seus extasis; em tudo descobria a essa hora o carir de uma sau-dade; cada moita de verdura ou cada grupo de arvores tinha para a filha do conselheiro suspiros e queixumes de amor. Parecia-lhe que a terra, n'esse lamentoso e supremo in-stante em que o sol morre, se vestia de luto e chorava a perda do esposo que além se afogaava, em pleno horizonte, atirando-lhe de longe os seus ultimos beijos de fogo. Magdá ouvia entô os abafados soluços da viuva, e sentia-lhe o frio orvalho do pranto.»

Que belleza n'essa imagem da *hora sem dono*, carinhosamente recolhida como um engeitado pela sonhadora Magdalena, em cujo espi-rito tambem começam a cahir as sombras do crepusculo, que já não é o dia, nem ainda a noite da intelligencia! Hora unica na fronteira que separa da regiao onde habita o genio o antro onde uiva a loucura!

(A concluir no proximo numero).

## ANNUNCIOS

### BIBLIOTHECA THEATRAL

Collecção de peças de theatro que mais voga tem feito nos theatros da Corte e Províncias, editadas pela livraria Serafim

73 — Rua Sete de Setembro — 73

RIO DE JANEIRO

DRAMAS, OPERAS, COMICAS E OUTRAS PEÇAS DE GRANDE ESPECTACULO

### Peças de Arthur Azevedo

Falka, opera burlesca.....	18000
A princesa dos Cajuíros.....	18000
Abel, Helena.....	18000
A filha de Maria Angu.....	18000
A casadinho de fresco.....	18000
Jerusalém libertada.....	18000
Niniche.....	18000
A joia.....	18000
Gillette de Narbonne, opera-comica em 3 actos.....	18000
A flor de Liz.....	18000
Por um tris coronel, proverbio em 1 acto.....	500
Amor por annexins.....	500
Uma vespera de Reis.....	500

### Eduardo Garrido

Bocacio.....	18000
Viagem à Iua.....	18000
O jovem Telemaco.....	18000
A Mascotte.....	18000
Os sinos de Corneville.....	18000
Sonhos d'oro, peça fantastica em 3 actos.....	18000
Os Trinta Botões.....	18000
Por um tris.....	500
Quasi que se pegam!.....	500
Um alho.....	500
O meu amigo banana.....	200
A bengala.....	200

### Peças de Arthur Azevedo

Coração e Genio, drama familiar, pelo Dr. Pires Ferrão.....	18000
As duas orphás, celebre e importante dra-ma em 5 actos.....	18000
Aimée ou o assassino por amor, bello drama.....	18000
A Judia, notavel drama de Pinheiro Chagas.....	18000
A morgadinho de Val-flôr, pelo mesmo.....	18000
Os Lazaristas, drama em 3 actos por Anto-nio Eunes.....	18000
A Estatua de carne, traducao do Dr. Pires d'Almeida.....	18000
Datila, celebre drama de Octavio enillet.....	18000
Romance de um moço pobre, pelo mesmo.....	18000
Amor e infamia, notavel drama.....	18000
Gonzaga, ou a revolução de Minas, celebre drama de Castro Alves.....	18000
Euríco, magistral drama extraido do ro-mance do mesmo nome.....	18000
Fausto, drama phantastico de Gutirres da Silva.....	18000
Os Positivistas, drama onde não entra dama.....	18000
O negro, drama importante.....	18000
Por um tris coronel, proverbio em 3 actos.....	18000
Amor por annexins.....	500
Uma vespera de Reis.....	500

### Peças de Arthur Azevedo

Silva Fraz, drama.....	18000
Cantos e Lamentos, 1 vol. ....	500
OLIVEIRA AGUIAR	500
Despejos poeticos, 1 vol. ....	18000
JOSE DA NATIVIDADE SALDANHA	28000
Poesias 1 vol. com o retrato.....	18000
AVILA OZORIO	18000
Canto de dôr, 1 vol. ....	500
FELIX DA CUNHA	500
Poesias, 1 vol. enc. ....	98000
SILVA BRAGA	98000
Gaios p. p. riot. cos, 1 vol. ....	28000
Sonhos da Mocidade, 1 vol. ....	